

REPENSANDO O PODER DA LEITURA NAS AULAS DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Carlos Roberto Moreira de Souza Marinho ¹

RESUMO:

O presente trabalho busca apresentar uma experiência construída pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de licenciatura em história da Universidade do Estado da Bahia – Campus-VI/Caetité. As ações, ocorreram na instituição parceira Colégio Estadual Seminário São José, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental. Muitos dos alunos apresentavam um sério problema de leitura e compreensão textual, deficiência que impedia os educandos de avançarem em discussões e compreensão de diversos conteúdos e conceitos históricos. Neste mesmo cenário, outro problema foi diagnosticado, uma série de informações equivocadas sobre o continente africano e o processo de construção de nossa identidade afro-brasileira eram reproduzidos pela falta do desenvolvimento do pensamento crítico. O cenário, exigia uma intervenção que visibilizasse ambas dificuldades e assim, foi pensado um projeto de leitura de contos e lendas africanas e releitura das mesmas em pinturas. Para a edificação do mesmo, foi realizada uma pesquisa sobre como é construído o ensino da sociedade africana dentro das aulas de história e sobre as potencialidades do uso de contos e lendas no processo de ensino aprendizagem. A partir dos resultados prévios, a equipe levantou um referencial biográfico que fundamentou o projeto e estruturou teoricamente as ações em sala de aula. No processo das aulas e oficinas, foram desenvolvidas diversas intervenções com o uso de contos e lendas africanas, onde, a partir destas, processos de aprendizagem sobre o continente africano, seu povo e sua cultura foram construídos. Ao fim, o projeto culminou com uma produção de telas e um evento interno com exposição e apresentação dos produtos.

INTRODUÇÃO:

Pensar novas formas de aprendizagem e estímulo a nossos alunos tem sido muito difícil uma vez que vivemos uma época de intensas transformações na cultura escolar. Entre muitos

¹ - Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus VI – Caetité. (crmarinho@outlook.com)

recursos audiovisuais, desenvolver o gosto pela leitura tem sido cada dia cada dia mais difícil e embora seja uma fonte eficaz de conhecimento, o uso de leituras, sobretudo de contos e lendas na rede básica de ensino se restringem quase sempre apenas à disciplina de língua portuguesa.

No que tende as aulas de história, os usos destes recursos orais/textuais são verdadeiros potencializadores de aprendizagem histórica e cada vez mais vem se fazendo presentes, entretanto ainda carecem de atenção por parte de muitos educadores que não os utilizam. A aplicação adequada desses recursos em temáticas específicas pode ser bastante promissora se observados os principais resultados que podem atingir. O uso de contos e lendas podem proporcionar na disciplina de história a descoberta de novas informações sobre sociedades, povos e suas particularidades, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. A partir destas colocações procura-se aqui responder a seguinte questão: como utilizar estas fontes no ensino de questões africanas e afro-brasileiras? Uma das muitas possibilidades foi explorada pela ação descrita aqui e seu percurso e resultado é disposto e discutido para maior compreensão do leitor.

METODOLOGIA

Os alunos da rede básica de ensino, sobretudo do fundamental II, costumam dedicar muito pouco tempo à leitura. Buscando construir junto aos alunos do colégio parceiro uma compreensão acerca do continente africano, bem como ajudar na formação e na conscientização dos alunos enquanto sujeitos deste processo cultural afro-brasileiro, a equipe do PIBID-História, planejou uma série de atividades onde valorizava os contos e lendas africanas enquanto fontes históricas para se conhecer aspectos sociais e culturais de diversas sociedades e da nossa própria identidade. No que se refere à sistematização desse processo, inicialmente buscou-se reconhecer e identificar, através da observação, as deficiências existentes de leitura e interpretação dentro da turma.

A partir dos primeiros diagnósticos, a equipe se reuniu afim de realizar um levantamento de fontes em livros, revistas, outros periódicos e mídias digitais, a serem aplicadas no processo de intervenção. Após a análise minuciosa e discussão coletiva das potencialidades, conceitos e elementos das lendas e contos encontrados, a equipe definiu o formato das demais ações.

No primeiro momento de intervenção, cada aluno recebeu um conto ou uma lenda para leitura silenciosa, neste processo, o mesmo anotaria as principais dúvidas de interpretação e

compreensão para serem esclarecidas com o auxílio de um dos bolsistas ou o professor regente posteriormente. Os encontros que se seguiram, foram de leituras coletivas e comentada de cada documento, onde o educando apresentava os principais conceitos e aspectos aprendidos aos demais colegas. Aos bolsistas e o professor, coube a tarefa de realizar as pontes de contextualização das informações com o espaço e tempo vivido, de forma que viesse fomentar a construção do conhecimento acerca do continente africano e sua interação na cultura brasileira, bem como evidenciar a importância da preservação e estudo destas fontes.

Após o momento de problematização e então construção de saberes conceituais, os estudantes participaram de uma oficina de arte onde, utilizando da imaginação, ressignificaram as leituras através de pinturas em telas. O momento é marcado pela liberdade de se expressar através de uma atividade lúdica que explora habilidades e competências específicas, o conteúdo conceitual até então explorado, se materializa através de um conteúdo agora procedimental. O último momento do projeto, se constituiu da apresentação à comunidade escolar dos trabalhos construídos na oficina, neste espaço os próprios alunos analisaram suas produções e compartilharam as experiências construídas com os demais estudantes de outras turmas.

Oficina de Artes: Reconstruindo Contos Africanos: O Poder da Imaginação



Imagem: Arquivo PIBID/História

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos anos o continente africano, sua história extremamente plural e a formação do povo afro-brasileiro foram silenciados. Os estudos sobre África e os negros no Brasil dentro da sala de aula se baseiam quase sempre aos processos de escravidão e domínio

dos Europeus. Num contexto mais contemporâneo, as referências construídas para as crianças e adolescentes da rede básica de ensino é de uma África edificada sob um palco apenas de pobreza e miséria e de antepassados brasileiros escravizados e marginalizados. Neste contexto a “História Tradicional” e positivista enaltece apenas os “grandes heróis” e as “grandes nações”, forjando uma história contínua em que não reconhece a realidade dos que não se encaixam nestas definições. Essa história ainda hoje se faz presente nos livros didáticos, que por muitas vezes são os únicos documentos que o aluno tem contato no ensino básico.

Com o surgimento da “Nova História” ampliou-se o campo da historiografia e as possibilidades de fontes históricas. Documentos antes ignorados, para se questionar o passado, agora trazem luz que nos fazem notar as ações dos sujeitos sociais e suas experiências, povos e nações condenadas ao esquecimento, trazendo à tona aquilo que não foi dito, abrindo caminho para as mais diversas fontes. Os novos objetos potencializam o trabalho de escrita e reescrita da história, e as novas fontes, a exemplo, literatura e oralidade, dão lugar à experiência humana, abordando o cotidiano da vida dos indivíduos em diferentes épocas e nos mais diversos lugares.

Neste palco, de um lado à África conta sua história ao mundo, preservada ao longo dos anos através da oralidade pelos griôs hoje escrita e divulgada através da literatura, do outro lado se ergue o povo brasileiro que se empodera e se assume num trabalho de conscientização identitária, alcançando as escolas brasileiras por meio de livros, encartes e mídias digitais. Segundo a autora Maria Auxiliadora Schmidt, o uso de diferentes documentos na sala de aula estimula o interesse do aluno e contribui para uma reflexão mais crítica acerca dos fatos apresentados pelo professor e pelas próprias fontes, (SCHMIDT, 1997). No que tange a abordagem do cotidiano Schmidt e Cainelli (2009) afirmam que:

Ensinar história não pode prescindir de pensar o mundo além da sala de aula. É necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano, o que pode ajudá-los a entender como no passado esse cotidiano interferiu na vida de outras pessoas. (SCHMIDT/CAINELLI, 2009, p. 150).

A utilização de contos e lendas africanas em sala de aula, gira em torno dessa “Nova História” trazida ao debate pela Escola dos Annales, tendo-se a abertura para novos métodos, novos objetos e novas abordagens. Tais ressignificações auxiliam na visão de Historiografia. Como afirma Mariosa (2011):

As representações se fazem em processo de comunicação por meio da linguagem, sendo assim, a literatura é campo fértil para a performance desses

procedimentos, permitindo aos críticos e leitores construir significações. A língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos traduz as representações sócio-históricas e culturais de uma sociedade. (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 48).

Incentivar os alunos a notarem a importância das mais diversas fontes históricas e ampará-los na leitura das mesmas é uma forma de aguçar a consciência histórica que é a base do conhecimento histórico, como nos diz Rusen (2006):

A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e presumir o futuro. (RUSEN, p. 14, 2006).

Quanto ao uso da literatura nas aulas de história é possível diagnosticar superficialmente alguns cenários. No primeiro deles, a literatura é tomada pelo professor enquanto fonte histórica somente na ausência de outras fontes que possibilite o trabalho com determinado conteúdo, o que diminui a estima da literatura. Num segundo cenário, a literatura é utilizada indiscriminadamente sem análise de contexto histórico e outros aspectos pertinentes a proposta de seu uso. Num terceiro, o professor avalia as potencialidades e aplicabilidades da fonte, de forma que evita tratar a mesma como uma mera sustentadora de fala. Assim, no processo de utilização da literatura no ensino, é necessário que o professor realize uma análise das obras selecionadas pois, como as demais fontes, a literatura também exige um julgamento pelo professor/historiador dos fatos e informações inseridas, para que não seja construído pelo educando saberes equivocados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de ensino-aprendizagem é um percurso extenso que se trilha a partir de uma linha tênue de anseios e possibilidades, neste caminho as dificuldades sempre estarão presentes. Durante as ações de intervenções pedagógicas, observamos que alguns educandos apresentavam uma resistência a proposta do trabalho, isto porque carregam consigo uma bagagem de deficiências em leitura e interpretação de texto, as dificuldades foram expressivas no processo de socialização do conhecimento construído para o professor regente. Embora os textos selecionados, estivessem dentro de uma realidade adequada para a turma, muitos demonstraram níveis baixíssimos de compreensão do que se lia, sendo necessária a ajuda dos bolsistas no processo de “descodificar” termos e expressões simples para que ocorresse o entendimento geral dos contos e lendas.

Um segundo problema diagnosticado esteve atrelado a exposição das ideias, muitas crianças se resguardavam em relatar sua compreensão da história lida para os colegas, pois se sentiam avaliados, entretanto, no decorrer das aulas essa postura deu lugar a uma construção coletiva e prazerosa do diálogo entre todos, pois estes passaram a identificar suas limitações de conversação e a partir daí compreenderam que o importante não era o processo avaliativo, mas a construção dos conhecimentos. No processo de problematização coletiva das fontes históricas, foi possível perceber o desenvolvimento de uma consciência reflexiva e conseqüentemente um ganho de conhecimento quando os próprios educandos passaram a construir vínculos através da realidade social em que estão inseridos com as informações capturadas nas leituras, estabelecendo pontes entre um saber já existente e o novo aprendido.

Em todas as atividades, ocorreram situações que apontaram maior ou menor empenho por parte dos alunos em se dedicar ao projeto. Entretanto, um dos momentos mais significativos, se configura na Oficina de Artes, onde os educandos tiveram a liberdade para recriar a partir do seu olhar, os contos com pinturas.

Dos diversos momentos de aprendizagem mútua entre professor e aluno, alguns merecem destaques: O primeiro se configura num momento de uso de tintas para colorir de um aluno específico, o mesmo aciona os bolsistas em sua mesa aflito, pois não sabe quais cores deve misturar para alcançar uma cor em “tom de pele”. Nesse momento, os bolsistas próximos questionam o educando qual a cor é apropriada para se colorir um personagem de uma lenda africana. O mesmo afirma, que seria um bege, em seguida se corrige, alegando ser um cinza, entretanto existe brancos na África. Entretanto, pintar com a cor preta poderia “escurecer muito o desenho”, sendo necessário clarear o tom de preto com uma mistura de tinta branca e vermelha. Ao fim, o aluno chegou um tom rosa claro, que na sua visão se aproximaria do personagem pensando em sua mente. Esta cena, reforça o preconceito concebido ao longo dos anos de que existiria uma “cor de pele” para desenhos e está sempre se encontra entre o bege e/ou rosa.

Para além das expressões de alegria e satisfação enxergadas na etapa, os relatos reforçam a potencialidade do lúdico na cultura escolar. Ao fim da atividade proposta, uma das alunas com espanto ponderou: “- *Já terminou? Passou tão rápido que até esqueci que estava na escola.*”. Ao ser questionada acerca da colocação a mesma justificou: “- *A escola é até legal, mas todo dia é a mesma coisa, a gente fica cansada, parece que a hora não passa nunca. Demora pra passar sabe? (risos) Ai fico entediada, da vontade de ir embora, hoje não, queria*

ficar mais e fazer um desenho de outro conto que eu gostei.”. Para nós, bolsistas e docente, ficou evidente o quanto uma prática pedagógica diferenciada contribuí na qualidade de formação dos alunos, uma simples mudança de postura torna as atividades mais atrativas e respectivamente mais significativa, uma vez que são idealizadas pensando os interesses dos educandos.

Em outro momento, uma outra aluna relatou que fizera a leitura do conto: “As Tranças de Bintou¹” para sua irmã, que chorava pedindo a mãe um tratamento para o “cabelo duro”. Segundo a mesma, a irmã lembra a personagem principal do conto, entretanto não era conformada com o cabelo crespo. A educanda reconhece: *“a gente é linda do jeito que a gente é, e não pode querer alisar o cabelo só porque a outra tem cabelo liso, ela tem que saber disso!”*. Após uma pausa curta, completou: *“Li pra ela aquela parte que fala “Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito (...) e estou muito feliz” e agora ela já nem pensa mais nisso. Porque o negro também é muito bonito, até mais que branco”*. Este posicionamento espontâneo, fundamentado pela educanda com base em um conto apresentado no projeto, reforça mais uma vez, as potencialidades e a importância de se trabalhar na sala de aula questões essenciais a identidade atrelada a metodologias de realidade próxima as competências e necessidades do aprendiz.

Exposição: Reconstruindo Contos Africanos: O Poder da Imaginação.



Imagem: Arquivo PIBID/História

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o projeto levamos em conta a prática da leitura na sala de aula, na medida em que nossas intenções didáticas era o despertar para o hábito da leitura, a construção de competências de interpretação e compreensão textual, mas sobretudo a valorização das sociedades africanas, sua cultura que constituem bases para a cultura brasileira e o auto reconhecimento identitário.

Através da realização do projeto, podemos notar que o ofício do professor vai além de compartilhar informações e conteúdo, o profissional de história atua como um orientador na formação pessoal do sujeito, sendo um agente extremamente importante no processo de formação de sujeitos críticos e de reconhecimento de identidade. Sendo um mediador entre as informações e o saber, o educando reconhece as limitações de seus educandos buscando mecanismos para auxiliá-los a se sobressair, enxergando que o ensino-aprendizagem é construído através de trocas, podemos ir além do que foi aprendido em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CAINELLI, Marlene. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. SP: Scipione, 2009.

MARIOSIA, Gilmar Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, v. 8, p. 42-53, dez. 2011.

RUSEN, Jorn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão in Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo:Contexto, 1997, pp.55-66.

¹Este livro conta a história de Bintou, uma menina negra que não se contenta com seus 'biotes' no cabelo e sonha usar tranças como sua irmã mais velha. A história é contada a partir de um contexto cultural específico, um momento universal - a passagem da infância para a adolescência.